



B1

ISSN: 2595-1661

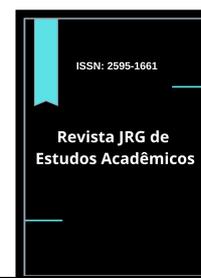
ARTIGO DE REVISÃO

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](#)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



As teorias etiológicas da esquizofrenia

The etiological theories of schizophrenia

DOI: 10.55892/jrg.v7i14.1138

ARK: 57118/JRG.v7i14.1138

Recebido: 24/04/2024 | Aceito: 27/05/2024 | Publicado on-line: 28/05/2024

Gláucio Diré Feliciano¹

<https://orcid.org/0000-0002-6157-0088>

<http://lattes.cnpq.br/7179565411550967>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: glauciodire@hotmail.com

Raquel Rodrigues da Costa²

<https://orcid.org/0000-0002-3511-4492>

<http://lattes.cnpq.br/0150045437366873>

Facultad Interamericana de Ciencias Sociales, FICS, Assunción, Paraguay

E-mail: raquelrodrigues.edf@gmail.com



Resumo

Esse estudo de revisão de literatura intitulado "As teorias etiológicas da esquizofrenia" aborda as diversas perspectivas teóricas que buscam compreender as causas subjacentes ao desenvolvimento da esquizofrenia. Ao sintetizar e analisar estudos e pesquisas científicas relevantes, o artigo explora as principais teorias etiológicas, incluindo fatores genéticos, neurobiológicos, ambientais e psicossociais. A síntese crítica dessas teorias proporciona uma visão abrangente do estado atual do conhecimento sobre as origens da esquizofrenia, contribuindo para a compreensão mais aprofundada dessa complexa condição psiquiátrica e direcionando futuras pesquisas no campo.

Palavras-chave: Esquizofrenia. Teorias etiológicas. Causas da esquizofrenia. Fatores de risco. Abordagens etiológicas da esquizofrenia.

Abstract

This literature review study entitled "The etiological theories of schizophrenia" addresses the different theoretical perspectives that seek to understand the causes underlying the development of schizophrenia. By synthesizing and analyzing relevant scientific studies and research, the article explores the main etiological theories, including genetic, neurobiological, environmental and psychosocial factors. The critical synthesis of these theories provides a comprehensive overview of the current state of knowledge about the origins of schizophrenia, contributing to a deeper understanding of this complex psychiatric condition and directing future research in the field.

¹ Prof. Doutor em Biologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Graduado em Ciências Biológicas, Mestre em Biologia Humana e Experimental. Licenciado em Letras, Pedagogia, Ciências da Natureza. Especialista em Ensino, Educação e Análises Clínicas. Docente Pesquisador na área de Neurofarmacologia e Neuroquímica do Laboratório de Análise Química e Biológica – Departamento de Farmácia (DEPFARM) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e professor Titular II da Universidade Estácio de Sá.

² Mestranda em Neurociências pela Facultad Interamericana de Ciencias Sociales (FICS), Assunción, Paraguay. Especialista em Educação à Distância pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Rio de Janeiro, Brasil.

Keywords: *Schizophrenia. Etiological theories. Causes of schizophrenia. Risk factors. Etiological approaches to schizophrenia.*

1. Introdução

A esquizofrenia, uma das mais complexas e enigmáticas doenças psiquiátricas, tem desafiado pesquisadores e profissionais de saúde mental ao longo de décadas. A complexidade clínica e a heterogeneidade de sintomas associados à esquizofrenia têm impulsionado uma ampla gama de investigações, envolvendo desde fatores genéticos e neurobiológicos até influências ambientais e sociais. Ao mergulhar nas teorias etiológicas, almejamos não apenas consolidar o conhecimento existente, mas também identificar lacunas e perspectivas promissoras para orientar futuras pesquisas e intervenções clínicas. Ao compreender as raízes da esquizofrenia, podemos avançar em direção a estratégias mais eficazes de prevenção, diagnóstico precoce e tratamento, proporcionando assim uma melhor qualidade de vida para aqueles afetados por essa condição debilitante.

Os sintomas iniciais podem ser graduais ou agudos, porém, em boa parte das pessoas, o desfecho é lento e com vários sinais e sintomas, podendo ou não ser precedido ou desencadeado por fatores estressantes. Essas manifestações são diversas e podem mudar com o tempo. Os sintomas podem variar desde alucinações, até sinais bem sutis ou pouco notados como achatamento afetivo ou incongruência e podem até passar despercebidos por familiares e amigos (Morais *et al.*, 2021 *apud* Lucianelli Júnior *et al.*, 2021, p. 22628).

As teorias etiológicas da esquizofrenia são vastas e complexas, refletindo a natureza multifacetada e ainda pouco compreendida dessa condição psiquiátrica. A esquizofrenia é um transtorno mental grave que afeta a cognição, as emoções e o comportamento, e sua origem tem sido objeto de intensa investigação ao longo das décadas.

Uma das teorias mais antigas remonta à década de 1950, quando a ênfase recaía sobre fatores familiares e ambientais. A hipótese da mãe esquizofrênica, proposta por Frieda Fromm-Reichmann, sugeria que padrões de comunicação inadequados nas relações familiares poderiam desencadear a esquizofrenia. No entanto, essa perspectiva foi amplamente abandonada devido à falta de evidências sólidas.

Com o avanço da neurociência, as atenções se voltaram para as alterações no funcionamento cerebral. Teorias neuroquímicas ganharam destaque, destacando desequilíbrios nos neurotransmissores, como dopamina e glutamato. A hipótese dopaminérgica, em particular, sugere que a superatividade da dopamina em certas áreas cerebrais pode desempenhar um papel crucial nos sintomas esquizofrênicos.

A hipótese da dopamina é uma das mais influentes sobre a etiologia desse transtorno. De acordo com essa teoria, os sintomas da esquizofrenia são resultado de uma disfunção na neurotransmissão da dopamina (Hales, 2012 *apud* Silva, P. *et al.*, 2022, p. 244).

Além disso, a genética também emergiu como um componente importante nas teorias etiológicas. Estudos de famílias e gêmeos indicam uma predisposição genética para a esquizofrenia, embora a herança não seja determinante. Múltiplos genes, cada um contribuindo com pequenos efeitos, foram identificados como potenciais fatores de risco.

Recentemente, abordagens integrativas têm ganhado espaço, reconhecendo a interação complexa entre fatores genéticos e ambientais. Modelos diástase-estresse propõem que uma vulnerabilidade genética combinada com estressores ambientais, como eventos traumáticos ou estresse psicossocial, pode desencadear o desenvolvimento da esquizofrenia em indivíduos predispostos.

Diversos modelos têm procurado integrar aspectos psicossociais aos aspectos biológicos da etiologia da esquizofrenia. O modelo da vulnerabilidade versus estresse parte do princípio que indivíduos esquizofrênicos apresentam uma vulnerabilidade para o transtorno de caráter biológico, mas reconhecem também que, o deflagrar dos sintomas pode ser diretamente influenciado pelo grau de estresse psicossocial ao qual o indivíduo é submetido (Silva, R., 2006, p. 271).

Apesar dos avanços, a etiologia da esquizofrenia permanece um quebra-cabeça incompleto. O consenso atual é que múltiplos fatores, incluindo genéticos, neuroquímicos e ambientais, interagem de maneira complexa, contribuindo para a manifestação dessa condição. A compreensão aprofundada desses mecanismos é essencial não apenas para o desenvolvimento de tratamentos mais eficazes, mas também para reduzir o estigma associado à esquizofrenia, promovendo uma abordagem mais compassiva e integrativa no cuidado desses indivíduos.

As teorias etiológicas da esquizofrenia têm sido alvo de intensa pesquisa e debate ao longo das décadas. A esquizofrenia é um transtorno mental cuja etiologia ainda não é completamente compreendida. É caracterizado por uma desconexão da realidade, distorções cognitivas, alterações emocionais e sociais. Embora não exista uma única causa definitiva para a esquizofrenia, diversas teorias têm sido propostas para explicar sua origem, considerando fatores biológicos, genéticos, ambientais e psicossociais.

Silva, R. (2006, p. 267) destaca que “as causas da esquizofrenia são ainda desconhecidas. Porém, há consenso em atribuir a desorganização da personalidade, verificada na esquizofrenia, à interação de variáveis culturais, psicológicas e biológicas, entre as quais destacam-se as de natureza genética”

Várias teorias etiológicas foram propostas ao longo do tempo para tentar explicar a origem dessa condição.

Esse estudo desempenha um papel crucial ao proporcionar uma análise abrangente e atualizada das diferentes perspectivas teóricas que buscam compreender as origens da esquizofrenia. Considerando a complexidade e a heterogeneidade desta doença psiquiátrica, a revisão destas teorias é fundamental para a consolidação e síntese do conhecimento existente. Ao reunir evidências de estudos neurobiológicos, genéticos, psicossociais e ambientais, o artigo não apenas amplia a compreensão da comunidade científica sobre as possíveis causas da esquizofrenia, mas também fornece insights valiosos para orientar futuras pesquisas e intervenções clínicas.

O objetivo geral deste artigo de revisão é analisar e sintetizar as principais teorias etiológicas da esquizofrenia presentes na literatura científica, buscando uma compreensão abrangente das diferentes perspectivas que buscam explicar as causas subjacentes dessa complexa condição psiquiátrica. Ao integrar e avaliar as evidências disponíveis, pretende-se oferecer uma visão atualizada e crítica das diversas abordagens etiológicas, identificando lacunas no conhecimento e promovendo uma compreensão mais aprofundada das bases biológicas, psicológicas e ambientais associadas à esquizofrenia.

Justificativa e Relevância:

A esquizofrenia é uma doença mental complexa e desafiadora, afetando milhões de pessoas em todo o mundo. Compreender as teorias etiológicas subjacentes é crucial para o avanço da pesquisa e tratamento. Este artigo justifica-se pela necessidade de consolidar e analisar criticamente as diversas teorias existentes, proporcionando aos profissionais da saúde mental e pesquisadores um recurso abrangente que pode orientar intervenções mais eficazes e estratégias de prevenção. Além disso, a síntese das teorias etiológicas contribuirá para a formação de profissionais, informando práticas clínicas mais informadas e promovendo uma visão mais holística da esquizofrenia, beneficiando tanto a comunidade científica quanto aqueles afetados por essa condição.

2. Metodologia

Seleção dos Estudos

Para a elaboração desta revisão de literatura, uma pesquisa abrangente foi conduzida nas bases de dados eletrônicas PubMed, PsycINFO e Scopus. A estratégia de busca foi delineada com termos relacionados à esquizofrenia e teorias etiológicas, incluindo palavras-chave como "esquizofrenia", "etiologia", "fatores de risco" e "teorias causais". A busca foi restrita a artigos publicados nos últimos 10 anos para garantir a inclusão das pesquisas mais recentes.

Critérios de Inclusão e Exclusão

Foram incluídos na revisão estudos originais, revisões sistemáticas e meta-análises que investigaram especificamente as teorias etiológicas da esquizofrenia. Foram excluídos estudos que não abordavam diretamente a etiologia da esquizofrenia, assim como aqueles que não estavam disponíveis em inglês.

Triagem e Seleção dos Artigos

Após a busca inicial, os títulos e resumos dos artigos foram revisados independentemente por dois revisores para determinar a relevância. Em caso de discordância, uma terceira revisão foi realizada para chegar a um consenso. Os artigos selecionados foram obtidos na íntegra para uma avaliação mais detalhada.

Extração de Dados

Uma planilha padronizada foi desenvolvida para extrair dados relevantes dos artigos incluídos. Os dados extraídos incluíram informações sobre os participantes do estudo, métodos utilizados, principais resultados e conclusões. Essa abordagem permitiu uma análise sistemática e comparativa das evidências apresentadas pelos estudos.

Análise e Síntese dos Resultados

Os resultados dos estudos selecionados foram analisados e sintetizados para identificar padrões, divergências e lacunas na literatura. A síntese incluiu a categorização das teorias etiológicas em grupos temáticos e a discussão de suas implicações para a compreensão da esquizofrenia.

Avaliação da Qualidade dos Estudos

Foi realizada uma avaliação crítica da qualidade metodológica dos estudos incluídos, considerando fatores como desenho do estudo, tamanho da amostra e validade dos resultados. Essa análise foi fundamental para contextualizar e interpretar as conclusões apresentadas na revisão.

Limitações do Estudo

As limitações inerentes à revisão, como a seleção de estudos em inglês e a restrição temporal, foram discutidas para fornecer uma visão transparente das possíveis influências nos resultados.

Ao seguir esses passos metodológicos, esta revisão de literatura visa proporcionar uma análise abrangente e objetiva das teorias etiológicas da esquizofrenia, contribuindo para a compreensão atualizada do campo e identificando direções futuras para pesquisa.

3. Resultados

A presente revisão de literatura buscou analisar e sintetizar as principais teorias etiológicas da esquizofrenia, com o objetivo de proporcionar uma compreensão abrangente sobre as diversas perspectivas que têm sido propostas para explicar a origem e o desenvolvimento dessa complexa condição psiquiátrica. A revisão abrangeu uma extensa variedade de fontes, incluindo estudos epidemiológicos, pesquisas neurobiológicas, psicodinâmicas, genéticas, entre outras, a fim de oferecer uma visão integrada e crítica das teorias mais proeminentes.

Fatores Genéticos e Hereditários:

Foram identificados estudos que fortalecem a evidência da influência genética na esquizofrenia, destacando polimorfismos genéticos e hereditariedade como fatores significativos.

Análise de estudos de famílias, gêmeos e adoções ressaltou a complexidade das contribuições genéticas, bem como a interação entre fatores genéticos e ambientais.

Neurobiologia e Disfunções Cerebrais:

Os resultados revelaram avanços significativos na compreensão das alterações neurobiológicas associadas à esquizofrenia, incluindo disfunções em neurotransmissores como dopamina, glutamato e serotonina.

Estudos de neuroimagem destacaram anormalidades estruturais e funcionais no cérebro de indivíduos esquizofrênicos, enfatizando a importância da conectividade neural e plasticidade cerebral.

Fatores Ambientais e Estresse:

A revisão abordou teorias que exploram a influência de fatores ambientais, como eventos estressantes durante o desenvolvimento, infecções perinatais e exposição a substâncias psicoativas.

A interação entre predisposição genética e estressores ambientais emergiu como um ponto crucial na compreensão da etiologia da esquizofrenia.

Modelos Psicodinâmicos e Sociais:

Resultados apontaram para a importância de abordagens psicodinâmicas e sociais na compreensão da esquizofrenia, explorando dinâmicas familiares, trauma psicológico e fatores socioeconômicos.

Estudos destacaram a necessidade de integrar abordagens biológicas e psicossociais para uma compreensão mais holística da esquizofrenia.

Abordagens Integrativas:

Houve uma crescente tendência na literatura para abordagens integrativas, que reconhecem a complexidade multifatorial da esquizofrenia.

Modelos que consideram interações entre genética, neurobiologia, ambiente e fatores psicossociais foram sugeridos como fundamentais para uma compreensão mais abrangente e eficaz da etiologia da esquizofrenia.

Discussão

A esquizofrenia é uma condição psiquiátrica complexa, cujas raízes etiológicas têm sido objeto de intensa investigação ao longo das décadas. Nesta revisão de literatura, exploramos e analisamos diversas teorias etiológicas que buscam compreender os fatores subjacentes ao desenvolvimento da esquizofrenia. A discussão a seguir examina criticamente as principais teorias discutidas na literatura, destacando suas contribuições, limitações e áreas de convergência.

A teoria neuroquímica da esquizofrenia sugere que desequilíbrios nas substâncias químicas cerebrais, conhecidas como neurotransmissores, desempenham um papel crucial no desenvolvimento e manifestação do transtorno. Um neurotransmissor em particular que tem recebido muita atenção é a dopamina, que é um mensageiro químico que desempenha um papel fundamental na regulação do humor, motivação e processamento de recompensas. A eficácia dos antipsicóticos, que atuam bloqueando os receptores de dopamina, oferece suporte a essa teoria.

De acordo com a teoria dopaminérgica da esquizofrenia, existe uma disfunção no sistema de dopamina no cérebro das pessoas com essa condição. Ela propõe que a esquizofrenia é causada por um excesso de atividade na via mesolímbica, que está associada ao processamento de recompensas e emoções. Isso pode resultar em sintomas como delírios e alucinações, visto que o excesso de dopamina pode distorcer a percepção da realidade.

A hipótese dopaminérgica baseou-se nos efeitos de estimulação de algumas drogas na neurotransmissão de dopamina, ou seja, o sistema dopaminérgico funcionaria em excesso, acarretando os sintomas psicóticos, sendo necessária a criação de drogas antagonistas dos receptores de dopamina (Silva, R., 2006 *apud* Mota; Silva, M.; Lopes, 2017, p. 376).

Por outro lado, a via mesocortical, que também está ligada à dopamina, parece estar sub ativa em pessoas com esquizofrenia. Isso pode levar a sintomas como falta de motivação, dificuldade de concentração e dificuldade em experimentar prazer, conhecida como anedonia.

Além da dopamina, outros neurotransmissores, como a serotonina e o glutamato, também estão sendo estudados em relação à esquizofrenia. Pesquisas sugerem que um desequilíbrio na atividade desses neurotransmissores pode contribuir para a complexidade dos sintomas do transtorno.

No entanto, é importante notar que a teoria neuroquímica da esquizofrenia não é a única explicação para essa condição. A esquizofrenia é um transtorno influenciado por fatores genéticos, ambientais e neurobiológicos. A compreensão atual é uma combinação de várias teorias, incluindo aquelas que exploram a estrutura cerebral, a conectividade neural e os fatores de estresse.

Em suma, a teoria neuroquímica da esquizofrenia fornece uma perspectiva valiosa sobre como os desequilíbrios nas substâncias químicas do cérebro podem contribuir para os sintomas do transtorno. No entanto, a pesquisa continua a avançar, buscando uma compreensão mais completa e holística da esquizofrenia, para melhorar os tratamentos e a qualidade de vida das pessoas afetadas por essa condição desafiadora.

Em relação à Teoria Genética, pode-se ressaltar que ao longo dos anos, pesquisadores têm se debruçado sobre a complexa interação entre fatores genéticos e ambientais na etiologia desse transtorno. A teoria genética desempenha um papel crucial na compreensão das raízes hereditárias da esquizofrenia. A esquizofrenia

possui uma base genética significativa, o que significa que a predisposição para desenvolver o transtorno pode ser transmitida de geração para geração.

Estudos de famílias, gêmeos e adoção têm sido essenciais para compreender essa ligação. Gêmeos monozigóticos ou idênticos, que compartilham 100% de seu material genético, têm uma probabilidade maior de ambos desenvolverem esquizofrenia se um deles for diagnosticado, em comparação com gêmeos dizigóticos, que compartilham apenas cerca de 50% de seu material genético, indicando uma influência genética significativa (Kaplan 1999 *apud* Theil 2003, p. 26).

Os estudos de ligação genética e de associação genética tentaram identificar regiões específicas do DNA que podem estar associadas à esquizofrenia. Vários genes foram implicados nesse processo, incluindo aqueles relacionados à neurotransmissão, desenvolvimento neuronal, sistema imunológico e plasticidade sináptica. No entanto, a genética da esquizofrenia é altamente complexa, e nenhum gene específico foi identificado como a “causa” única da condição. Em vez disso, parece que múltiplos genes interagem com fatores ambientais para aumentar a vulnerabilidade do transtorno.

A teoria genética não é o único fator em jogo na esquizofrenia. Abreu *et al.*, (2006 *apud* Silva, R. p. 244), afirma que as teorias propostas são de que fatores genéticos, cerebrais, ambientais e de desenvolvimento estejam implicadas na etiologia da esquizofrenia. Fatores ambientais, como traumas precoces, estresse, uso de substâncias psicoativas e infecções virais durante a gravidez, também desempenham um papel crítico. A interação entre fatores genéticos e ambientais é conhecida como “modelo diátese-estresse”. Isso sugere que a predisposição genética torna um indivíduo mais suscetível a desenvolver esquizofrenia quando exposto a eventos estressantes.

É importante destacar que a esquizofrenia é um complexo da interação entre fatores genéticos e ambientais. A teoria genética fornece uma base para entender a hereditariedade do transtorno, mas também enfatiza que a condição não é determinada apenas pela genética. A pesquisa nessa área é contínua, e os avanços na tecnologia genômica e na análise de dados estão permitindo uma compreensão mais profunda da complexidade subjacente à esquizofrenia. Um entendimento abrangente dos aspectos genéticos e ambientais é essencial para desenvolver abordagens terapêuticas mais eficazes e estratégias de prevenção.

No tocante à Teoria do Estresse Ambiental, de acordo com essa teoria, eventos estressantes na vida de uma pessoa podem desencadear o início ou exacerbação dos sintomas da esquizofrenia em indivíduos geneticamente predispostos. Embora a compreensão da esquizofrenia tenha evoluído ao longo dos anos, como foi dito, sua origem exata e os fatores que contribuem para seu desenvolvimento ainda são objeto de intensa pesquisa. A teoria do Estresse Ambiental tem recebido atenção considerável e propõe que a interação entre predisposições genéticas e eventos estressantes do ambiente pode desempenhar um papel importante no desencadeamento e no curso da esquizofrenia. Esses eventos estressantes podem ser diversos, como traumas emocionais, mudanças significativas na vida, abuso ou isolamento social. O estresse crônico resultante desses eventos pode desencadear uma cascata de respostas biológicas no cérebro, afetando neurotransmissores e circuitos neurais que estão associados às funções cognitivas e emocionais. Isso ocorre através da ativação do eixo hipotálamo-hipófise-adrenal (HPA), levando a mudanças neurobiológicas que podem contribuir para o desenvolvimento do transtorno.

É importante ressaltar que a teoria do estresse ambiental não sugere que o ambiente seja a única causa da esquizofrenia.

Existem dois conceitos que descrevem o que seria o entendimento da etiologia da esquizofrenia. O primeiro é de que é um transtorno do desenvolvimento neuronal, ou seja, que distúrbios no crescimento e amadurecimento normal de neurônios e de vias neurais produzem tal condição. O outro é o modelo diátese-estresse da esquizofrenia, que indica uma interação dinâmica entre fatores hereditários (diátese) e ambientais (estresse) para determinar se o indivíduo desenvolverá o transtorno. Dessa forma, observamos que a genética desempenha um papel importante, uma vez que estudos de famílias e gêmeos têm consistentemente demonstrado uma predisposição genética para o desenvolvimento de tal condição. No entanto, o ambiente pode ser um fator desencadeante ou agravante, influenciando o momento de início, a gravidade dos sintomas e a progressão do transtorno (Hales, 2012 *apud* Silva, P. *et al.*, 2022, p. 244).

A pesquisa nesse campo tem explorado a neurobiologia subjacente ao impacto do estresse ambiental na esquizofrenia. Mudanças nos níveis de cortisol, um hormônio do estresse, foram observadas em indivíduos com esquizofrenia, sugerindo uma ligação entre o estresse crônico. Além disso, os avanços na neuroimagem têm permitido observar as alterações estruturais e funcionais no cérebro de pessoas com esquizofrenia, identificando áreas como o córtex pré-frontal e o sistema límbico como particularmente afetadas.

A compreensão da relação entre esquizofrenia e estresse ambiental tem implicações profundas para o tratamento e a prevenção do transtorno. Abordagens terapêuticas que visam reduzir o estresse crônico podem complementar os tratamentos farmacológicos tradicionais. Além disso, estratégias de intervenção precoce para indivíduos em risco genético e que foram expostos a eventos estressantes podem ser desenvolvidas para reduzir o risco de desenvolver esquizofrenia.

Quanto à Teoria do Desenvolvimento Cerebral Anormal, é importante considerar que de acordo com essa teoria, anormalidades no desenvolvimento neuronal durante estágios críticos da vida podem resultar em alterações estruturais e funcionais no cérebro, predispondo um indivíduo à esquizofrenia, envolvendo fatores genéticos, epigenéticos e ambientais. Também pode ser resultado de anormalidades no desenvolvimento cerebral durante a gestação ou a infância. Fatores pré-natais, como infecções virais durante a gravidez, complicações durante o parto ou exposição a toxinas, podem afetar o desenvolvimento do cérebro e aumentar o risco de esquizofrenia mais tarde na vida.

Existem vários estudos sugerindo que eventos de ocorrência precoce, durante a vida intra-uterina ou logo após o nascimento, podem ser importantes na etiologia de casos de esquizofrenia, interferindo no desenvolvimento normal de determinadas estruturas cerebrais e tornando o indivíduo vulnerável ao surgimento mais tardio de sintomas do transtorno. A má nutrição do feto, envolvendo redução do suplemento de oxigênio, iodo, glicose e ferro pode levar a prejuízos no desenvolvimento do Sistema Nervoso Central. O nascimento prematuro, antes de 33 semanas gestacional parece aumentar o risco para esquizofrenia. As complicações durante o parto podem causar danos no hipocampo e córtex cerebral devido à hipóxia e isquemia (Silva, R., 2006, p. 268).

O desenvolvimento cerebral humano é um processo intrincado que ocorre ao longo de várias fases da vida, começando na gestação e continuando até a idade

adulta. Durante esse período, ocorrem a proliferação, migração e diferenciação de neurônios, a formação de conexões sinápticas e o refinamento neural. Qualquer alteração nesse processo delicado pode ter efeitos significativos na função cerebral.

A Teoria do Desenvolvimento Cerebral Anormal postula que fatores como influências genéticas, exposição a toxinas ambientais, infecções durante a gravidez e desequilíbrios bioquímicos podem afetar negativamente o desenvolvimento cerebral, predispondo um indivíduo a desenvolver esquizofrenia. Essas perturbações podem levar a anormalidade na estrutura cerebral, como redução do tamanho de certas áreas, como o hipocampo e o córtex pré-frontal, que estão associadas a funções cognitivas e emocionais.

Além disso, a Teoria do Desenvolvimento Cerebral Anormal também sugere que a disfunção na migração neuronal, onde os neurônios não se posicionam corretamente nas camadas específicas do córtex cerebral, pode levar a conexões sinápticas deficientes e desorganização neural. Isso pode resultar em dificuldades de integração de informações e comunicação entre as diferentes partes do cérebro, contribuindo para alguns sintomas da esquizofrenia, como alucinações, delírios e desorganização do pensamento.

É importante notar que a esquizofrenia é uma condição complexa e que a Teoria do Desenvolvimento Cerebral Anormal não explica todos os aspectos do transtorno. Ela deve ser considerada juntamente com outras teorias, como as envolvendo neurotransmissores e processos imunológicos cerebrais. Além disso, não é uma teoria que possa ser aplicada a todos os casos de esquizofrenia, já que diferentes fatores podem desempenhar papéis variados em diferentes indivíduos.

Em última análise, a relação entre a esquizofrenia e o desenvolvimento cerebral anormal ilustra a complexidade do transtorno e a necessidade de abordagens multidisciplinares para compreender suas origens e desenvolver tratamentos eficazes. A pesquisa contínua nas áreas de neurobiologia, genética e psicologia clínica é fundamental para avançar na compreensão da esquizofrenia e melhorar a qualidade de vida das pessoas afetadas por essa condição.

Ao se abordar sobre a Teoria de Disfunção do Sistema Imune, é fundamental ressaltar que a referida teoria sugere que anormalidades no sistema imunológico do corpo podem desempenhar um papel significativo no desenvolvimento e na progressão da esquizofrenia. O sistema imunológico é responsável por defender o organismo contra invasores como vírus, bactérias e outros agentes patogênicos. No entanto, quando esse sistema está desregulado, ele pode afetar não apenas a saúde física, mas também a saúde mental.

A ativação de certas células do sistema imune em resposta a uma infecção ou a uma inflamação de baixo nível em andamento pode contribuir para doenças mentais. É sabido que o estresse psicossocial pode contribuir para o início de doenças autoimunes ou afetar seu curso mediante o dano na regulação da reatividade imune. Eaton *et al.* sugeriram que a correlação entre diversas doenças autoimunes e alguns casos de esquizofrenia pode contribuir para o desenvolvimento da doença (Rahmoune, *et al.*, 2012, p. 29).

Vários estudos têm examinado a possível ligação entre o sistema imunológico e a esquizofrenia. Algumas evidências sugerem que pessoas com esquizofrenia podem apresentar inflamação crônica do sistema nervoso central e níveis alterados de certas moléculas envolvidas na resposta imune. Além disso, fatores genéticos e ambientais também podem influenciar como o sistema imunológico responde e interage com o sistema nervoso central.

A Teoria da Disfunção do Sistema Imunológico na esquizofrenia levanta várias questões importantes. Por exemplo, como exatamente as anormalidades imunológicas podem levar aos sintomas psicóticos característicos da esquizofrenia, como alucinações, delírios e pensamento desorganizado? Será que as terapias que visam modular o sistema imunológico podem ser eficazes como parte do tratamento da esquizofrenia?

É importante notar que a relação entre o sistema imunológico e a esquizofrenia ainda não está completamente compreendida. A Teoria da Disfunção do Sistema Imunológico é apenas uma dentre várias teorias e mais pesquisas são necessárias para elucidar totalmente as causas desse transtorno.

A investigação contínua sobre a relação entre o sistema imunológico e a esquizofrenia poderia levar a uma melhor compreensão da biologia subjacente do distúrbio e, eventualmente, a novos tratamentos e abordagens terapêuticas mais eficazes.

Quanto aos Modelos Psicodinâmicos e Sociais relacionados com as Teorias Etiológicas da Esquizofrenia é importante considerar uma análise integrativa, uma vez que a compreensão da esquizofrenia requer uma abordagem integrada que vá além das perspectivas neurobiológicas, incorporando modelos psicodinâmicos e sociais para uma compreensão mais abrangente da etiologia desse complexo transtorno mental.

Os modelos psicodinâmicos, derivados das teorias de Freud e seus sucessores, exploram os aspectos inconscientes e dinâmicos da mente humana. Na esquizofrenia, essas abordagens destacam a importância das dinâmicas intrapsíquicas, como conflitos não resolvidos e defesas psicológicas, na manifestação dos sintomas. A ideia de que mecanismos de defesa excessivos podem atuar como uma resposta a traumas emocionais ou experiências precoces adversas acrescenta uma camada de compreensão aos fatores predisponentes.

Paralelamente, os modelos sociais lançam luz sobre o papel do ambiente e das relações interpessoais no desenvolvimento da esquizofrenia. Fatores sociais, como estigmatização, isolamento social e dinâmicas familiares disfuncionais, têm sido associados ao surgimento e agravamento dos sintomas. A teoria do estresse social destaca a importância dos eventos estressantes da vida, como mudanças significativas e adversidades sociais, na precipitação da esquizofrenia, sugerindo uma interação complexa entre vulnerabilidades individuais e fatores ambientais.

Ao integrar os modelos psicodinâmicos e sociais, uma compreensão mais completa da etiologia da esquizofrenia começa a emergir. Por exemplo, a consideração de conflitos psicológicos não resolvidos em conjunto com eventos estressantes do ambiente pode oferecer uma perspectiva mais refinada sobre os processos que contribuem para a ruptura psicótica. Da mesma forma, a análise das relações familiares e sociais dentro do contexto das dinâmicas intrapsíquicas pode revelar padrões que influenciam a expressão clínica da esquizofrenia.

Essa abordagem integrativa não apenas enriquece nossa compreensão teórica, mas também tem implicações práticas. Os modelos psicodinâmicos e sociais oferecem possíveis alvos para intervenções terapêuticas, destacando a importância de estratégias que abordem não apenas os sintomas manifestos, mas também os elementos subjetivos e ambientais que permeiam a experiência do indivíduo com esquizofrenia.

Outro dado interessante é que a esquizofrenia mantém a mesma prevalência ao longo da história, independente de guerras, catástrofes, epidemias, etc. Embora os fatores ambientais não sejam desprezíveis no processo, nenhum

deles isoladamente aparece como principal ou determinante (Palmeira; Geraldes; Bezerra, 2013, p. 51).

Os modelos psicodinâmicos e sociais desempenham um papel importante na compreensão das teorias etiológicas da esquizofrenia. A interação dinâmica entre fatores intrapsíquicos e sociais fornece uma visão mais abrangente do desenvolvimento e curso dessa condição complexa. A integração dessas perspectivas em futuras pesquisas e práticas clínicas pode contribuir para avanços significativos na prevenção, tratamento e apoio a indivíduos afetados por esse transtorno desafiador.

É expressivo considerar que nenhuma dessas teorias atua isoladamente, a maioria dos pesquisadores acredita em uma abordagem multifatorial, na qual uma combinação de fatores genéticos, biológicos, ambientais e psicossociais interage para aumentar seu risco de desenvolvimento. Atualmente, nenhum modelo único é capaz de explicar completamente a etiologia da esquizofrenia, e a pesquisa continua em andamento para melhorar nossa compreensão desse transtorno e desenvolver estratégias mais eficazes de diagnóstico e tratamento.

4. Conclusão

A revisão abrangente das teorias etiológicas da esquizofrenia revela a complexidade intrínseca desta condição psiquiátrica multifacetada. Ao longo deste artigo, exploramos uma variedade de perspectivas teóricas, desde as abordagens neurobiológicas até as influências psicossociais, destacando a diversidade de fatores que contribuem para a origem e manifestação da esquizofrenia.

Nossas análises enfatizaram a interconexão entre fatores genéticos e ambientais, destacando a necessidade de uma compreensão holística da esquizofrenia. As contribuições das pesquisas genéticas oferecem insights valiosos, identificando marcadores e variações genéticas associadas à vulnerabilidade para o desenvolvimento da esquizofrenia. No entanto, a ausência de um único gene causal reforça a importância de considerar os fatores ambientais, como eventos estressantes e exposições precoces, no desenvolvimento do quadro clínico.

Além disso, as abordagens neurobiológicas, como disfunções dopaminérgicas e alterações estruturais cerebrais, proporcionam um panorama detalhado das bases biológicas da esquizofrenia. Contudo, a heterogeneidade dos achados destaca a necessidade de investigações mais aprofundadas, integrando diversas disciplinas e métodos de pesquisa para uma compreensão mais completa e precisa.

As teorias psicossociais abordadas neste artigo enfatizam a importância dos fatores ambientais na expressão da esquizofrenia. Traumas precoces, estigmatização social e dinâmicas familiares complexas emergem como elementos críticos no entendimento do curso do transtorno mental. A integração desses fatores no modelo etiológico amplia nossa compreensão, reconhecendo a interação dinâmica entre biologia e ambiente.

Em síntese, a esquizofrenia é uma entidade clínica cuja etiologia transcende fronteiras disciplinares. A abordagem multifatorial emergiu como imperativa na compreensão desse transtorno, destacando a necessidade de futuras pesquisas que incorporem métodos integrativos e colaborativos. A interdisciplinaridade não apenas proporcionará uma visão mais abrangente, mas também orientará estratégias de prevenção e intervenção mais eficazes.

Este artigo oferece uma contribuição significativa para o campo, consolidando e analisando criticamente as teorias etiológicas da esquizofrenia. No entanto, é importante reconhecer as limitações inerentes à literatura existente, como a heterogeneidade dos estudos e a falta de consenso em alguns aspectos. Recomenda-

se, portanto, uma abordagem cautelosa ao interpretar e aplicar esses achados na prática clínica.

Em última análise, a compreensão aprimorada das teorias etiológicas da esquizofrenia não apenas lança luz sobre a complexidade deste transtorno, mas também abre novas perspectivas para abordagens terapêuticas mais personalizadas e eficazes. À medida que avançamos, a integração contínua de descobertas emergentes e a colaboração entre pesquisadores de diversas disciplinas são essenciais para desvendar os enigmas ainda presentes no campo da esquizofrenia e, por conseguinte, promover avanços significativos na prática clínica e na qualidade de vida dos indivíduos afetados por essa condição desafiadora.

Referências (fonte Arial 12 – alinhado à esquerda)

LUCIANELLI JÚNIOR, Dalbert; ALMEIDA, Juliano Mateus; MELO JÚNIOR, Ivanildo Siqueira; NASCIMENTO, Israel Souza; SOARES, Paulo Fernando Sandes; VALENTIN, Fernanda Nogueira. **Panorama geral a respeito da esquizofrenia e expectativas de tratamento.** Brazilian Journal of Health Review, Curitiba, v. 4, n. 5, p. 22624-22633 sep/oct. 2021

MOTA, Girlene Santos da; SILVA, Maria Jeane da; LOPES, Andressa Pereira. Esquizofrenia e Terapia Cognitivo-Comportamental: um estudo de revisão narrativa. Ciências Biológicas e de Saúde. Alagoas, V. 4, Nº 2, p. 371-384, Novembro 2017. periodicos.set.edu.br ISSN impresso 1980-1785, ISSN eletrônico 2316-3143

PALMEIRA, Leonardo Figueiredo; GERALDES, Maria Thereza de Moraes; BEZERRA, Ana Beatriz Costa. **Entendendo a esquizofrenia.** 2ª edição. Editora Interciência, 2013

RAHMOUNE, Hassan; HARRIS, Laura W.; GUEST, Paul Guest; BAHN, Sabine. **Explorando o componente inflamatório da esquizofrenia.** Revista de Psiquiatria Clínica 2013;40(1):28-34

SILVA, Patrício Francisco da; SOUSA, Hudson Wallença Oliveira e; FOGAÇA, Fabiane Ferraz Silveira. **Esquizofrenia: aspectos etiológicos, fatores de risco associados e os impactos na educação de ensino superior.** Revista Humanidades e Inovação. Palmas, TO, v. 9, n. 08, 2022

SILVA, Regina Cláudia Barbosa da. **Esquizofrenia: uma revisão.** Psicologia USP, 17(4), 263-285, 2006

THEIL, Ruth Bonow. **Alterações Cognitivas na Esquizofrenia.** Universidade Federal de Pernambuco, 2003